

**VIVÊNCIAS À BEIRA DA BELÉM-BRASÍLIA (1958-1960):
REFLEXÕES DAS MEMÓRIAS DOS MORADORES DE
GUARAÍ-TO**

***EXPERIENCES ALONG THE BELÉM-BRASÍLIA HIGHWAY
(1958-1960): REFLECTIONS ON THE MEMORIES OF THE
RESIDENTS OF GUARAÍ-TO***

Dionathan Soares Fragoso

Universidade Federal do Norte do Tocantins

Resumo: O artigo reflete sobre a experiência de fazer História Oral e as vivências dos moradores de Guaraí antes, durante e após a construção da Belém-Brasília (1958-1960). Dividido em quatro partes, aborda a identificação dos moradores, a metodologia de coleta de depoimentos, as narrativas dos moradores Constância, Onildo, Izabel e Juceleide, e uma reflexão sobre suas memórias. Dona Constância relata a migração e os desafios enfrentados na fazenda Tucum. Onildo, testemunha ocular da construção, discute o contexto social e a migração de nordestinos. Izabel narra a chegada de novos moradores e a movimentação econômica. Juceleide destaca a permanência na comunidade “Beira-Rio” e o isolamento da comunidade ribeirinha. As histórias revelam os impactos sociais e políticos da rodovia, ressaltando a importância da escuta atenta e da construção de confiança nas entrevistas de História Oral.

Palavras-Chaves: História Oral. Rodovias do Brasil – Belém-Brasília. História Local – Guaraí.

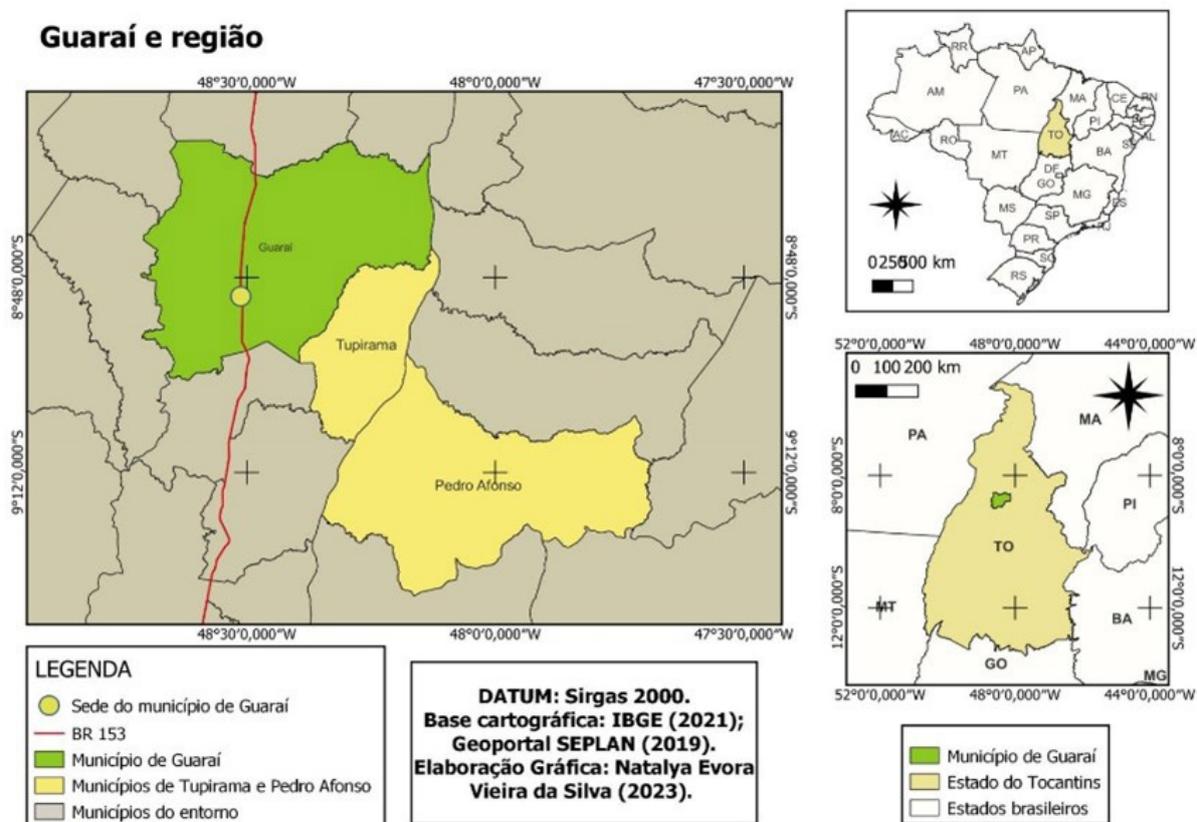
Abstract: The article reflects on the experience of conducting Oral History and the experiences of the residents of Guaraí before, during, and after the construction of the Belém-Brasília highway (1958-1960). Divided into four parts, it addresses the identification of residents, the methodology of collecting testimonies, the narratives of residents Constância, Onildo, Izabel, and Juceleide, and a reflection on their memories. Dona Constância recounts migration and the challenges faced on the Tucum farm. Onildo, an eyewitness to the construction, discusses the social context and the migration of Northeasterners. Izabel narrates the arrival of new residents and economic activity. Juceleide highlights the permanence in the “Beira-Rio” community and the isolation of the riverside community. The stories reveal the social and political impacts of the highway, emphasizing the importance of attentive listening and building trust in Oral History interviews.

Keywords: Oral History. Highways of Brazil – Belém-Brasília. Local History – Guaraí.

QUEM SÃO OS MORADORES DE GUARÁ-TO

Concentramo-nos inicialmente na relação da rodovia conhecida como “Belém-Brasília” com a formação da cidade de Guaraí-TO. A presença da estrada, que em 1960 impulsionou o crescimento populacional no povoado chamado Guará, no território de Tupirama (antigo norte goiano), levou à criação da cidade de Guaraí em 1968 e, posteriormente, à sua emancipação política em relação a Tupirama em 1970. Na Figura 1, vemos a representação da configuração atual das cidades de Guaraí, Tupirama e Pedro Afonso. Guaraí está localizada no eixo rodoviário da BR-153 (antiga Belém-Brasília/BR-14), enquanto as outras duas cidades se encontram ao longo do rio Tocantins, com Pedro Afonso situada à direita do rio e Tupirama à esquerda.

Figura 1: Mapa de Guaraí e região



Fonte: DATUM: Sirgas 2000. Base cartográfica: IBGE (2021), Geoportal SEPLAN (2019). Elaboração Gráfica: Natalya Evora Vieira da Silva (2023).

Após essas considerações, passamos a analisar, quem são os moradores de Guaraí? Eles são os fundadores? Pioneiros? Ou apenas moradores? Esses questionamentos nos levaram à necessária discussão acerca de identidade e construção da narrativa. Sendo assim, nossa discussão nos levou a entender o “mito fundador” de Marilena Chauí (2000) de maneira abrangente, para depois, tecermos um diálogo com os estudos de história Local/Regional.

De acordo com Chauí (2000), o “mito do fundador” foi construído sobre os pilares de exaltação da natureza, da história e do governante. Esses pilares constituíram-se como um repertório de representações sobre a realidade social brasileira. Na exaltação da natureza, estão

presentes o elogio à terra, suas belezas e riquezas naturais, onde foram enaltecidas as qualidades da nação. Na glorificação da história, temos uma “história teológica ou providencialista” que retrata os acontecimentos como a “realização do plano de Deus ou da vontade divina” (Chauí, 2000, p. 71). E no enaltecimento do governante, encontramos o elogio do Estado.

Desse modo, o “mito do fundador”, apropriado pelo poder político, transformou-se em um instrumento ideológico do Estado. Nesta perspectiva, o Estado, ao instituir a nação, pode atribuir a si o monopólio do patrimônio histórico e geográfico da nação, ao passo que seu entendimento sobre esses elementos passa a ser considerado verdade absoluta (Paiva, 2000).

No que diz respeito aos estudos de História Local/Regional, observamos que esses três elementos do “mito fundador” também podem aparecer. Em relação à exaltação da natureza/lugar, devemos evitar a fixação de um espaço/território como algo pronto e dado pela natureza, sem questionarmos a historicidade de sua construção como lugar. Na glorificação da história, Fonseca (2006) destaca que nos currículos oficiais de alguns municípios, o estudo dos aspectos políticos abrange temas como “a origem e evolução do município e do Estado” e “figuras influentes que contribuíram para o progresso da cidade e da região”, dando uma ideia de um passado idealizado e um futuro glorioso.

Além disso, Fonseca (2006) também afirma que o bairro, o município, o Estado ou a região são apresentados como um destino linear e evolutivo, pautado pela lógica dos vultos, heróis e figuras políticas pertencentes às elites locais ou regionais, que “fizeram o progresso” da região. Dessa forma, esses elementos tornam-se referências imaginárias que constroem os discursos fundadores. Portanto, optamos por não utilizar o termo “fundadores” para nos referirmos aos interlocutores que decidiram participar da pesquisa.

No que diz respeito ao pioneirismo, o território onde se encontram as cidades de Guaraí, Tupirama e Pedro Afonso foi ocupado pelos habitantes originais, que são os povos indígenas. Nesse contexto, curiosamente observamos que apesar de o nome da cidade “Guaraí” ser uma derivação do termo tupi-guarani, “Guará” (que pode significar cão, ave ou lobo), o histórico apresentado pelo município desconhece a história dos povos originários na região, mesmo tendo uma literatura para isso.

Antes da chegada do colonizador à região, Odair Giraldin (2002) relata que no século XVIII, entre os rios Araguaia e Tocantins – onde menciona o território de Guaraí – habitavam os grupos indígenas Xavante e Xerente. Giraldin explica que até o início do século XIX, os Xavantes e Xerentes eram considerados como uma unidade. Sobre seus territórios, estendiam-se desde próximo ao Porto Nacional até a região do Rio Sono e Pedro Afonso.

Devido a conflitos com não-indígenas, envolvendo tentativas de aldeamentos, catequizações e posse de terras, seu contingente foi diminuindo e perdendo espaço. Consequentemente, os Xavantes atravessaram o rio Araguaia e passaram a ocupar as cabeceiras do Rio das Mortes - MT, enquanto os Xerentes vivem em mais de 30 aldeias espalhadas por seu território. Assim, de acordo com o antropólogo Luís Roberto de Paula (2021), hoje em dia, o território Xerente - composto pelas Terras Indígenas Xerente e Funil - localiza-se no cerrado do Estado do Tocantins, na banda leste do rio Tocantins, 70 km ao norte da capital, Palmas.

Dessa forma, também recusamos usar o termo “pioneiros” com relação aos moradores

mais antigos de Guaraí, em respeito aos povos originais que já viveram um dia e que sofrem com algum tipo de violência de grupos não-originários. Por isso, consideramos mais adequado o uso do termo de “moradores” para nós referirmos aos interlocutores que moravam na região na época da construção da Belém-Brasília (1958-1960) e vivenciaram as transformações sociais do povoado Guaraí.

Após essas considerações sobre como identificar os moradores, apresentaremos as histórias e depoimentos de Dona Constância Noronha Aguiar, mulher parda de 87 anos, nascida em São Félix de Balsas, Maranhão; Onildo Pereira de Souza, um homem negro de 72 anos; Izabel Dias Silva, uma mulher negra, viúva, com 77 anos de idade, ambos nascidos em Tupirama; e Juceleide Barbosa da Silva Bezerra, nascida em 1974 na cidade de Guaraí.

CRIAÇÃO DAS FONTES ORAIS: METODOLOGIA E PROCESSO DE INTERPRETAÇÃO

Ao fazermos História Oral, compreendemos que se trata de um conjunto de procedimentos realizados antes, durante e depois das entrevistas, e não se resume apenas em entrevistas. Diante disso, Bruna da Silva Cardoso (2022, p. 49) afirma “cada entrevista é uma experiência particular. Por isso, ao olharmos as entrevistas como espaços de aprendizagem e como fontes de conhecimento, a tendência é que o nosso fazer História Oral cada vez mais qualificado.”

Por conseguinte, destacamos que houve desafios, percalços e dificuldades dentro dessa experiência de se fazer História Oral. Nesse viés, consideramos não perder de vista “de que a História Oral é um fazer que se aprende, sobretudo fazendo” (Ramos Júnior, 2019, p. 360). Nesse sentido, Bruna da Silva Cardoso afirma:

Se faz necessário dizer que o fazer História Oral é cansativo, é exaustivo, é complexo e é conflituoso. O que não quer dizer que não seja uma forma de fazer pesquisa prazerosa e eficaz, não é isso. O que precisamos, é inserir nas pesquisas, essa contextualização, dizer do acontecido e tecer reflexões e considerações sobre (Cardoso, 2022, p. 50-51).

Conforme a orientação de Cardoso, que destaca a necessidade de abordarmos os acontecimentos durante a realização das entrevistas, abordaremos os bastidores da nossa História Oral. O objetivo é proporcionar ao leitor uma melhor compreensão das condições envolvidas na criação de fontes orais, na transição do oral para a escrita, bem como nas interpretações do que foi dito pelos moradores.

Em nosso projeto de História Oral, começamos com as leituras prévias Verena Alberti (2005) e Paul Thompson (1992). Em seguida, organizamos a seleção dos interlocutores e os recursos disponíveis a serem utilizados. Nesse contexto, o projeto de pesquisa estava previamente elaborado, nos mostrando os principais objetivos e em que direção deveríamos caminhar.

Com relação a seleção dos entrevistados, utilizamos como principais critérios a idade, disponibilidade e a relação com os principais objetivos da pesquisa. De certa maneira, já tinha contato prévio com Izabel e com Onildo, devido ao fato de serem meus vizinhos em 2018 e

2019. Já o contato com a Juceleide foi através de sua filha e aluna, que nos apresentou durante as aulas do projeto. A dona Constância foi um contato que aconteceu através de uma rede de relações, a partir das indicações dos colegas professores.

Durante as entrevistas, ao iniciarmos a gravação em áudio, realizamos o cabeçalho e pronunciamos claramente os nomes próprios que iam surgindo no decorrer das falas. Também foi necessário anotar gestos e expressões faciais durante o discurso em um caderno de campo, a fim de capturar nuances emocionais que possam ser importantes para a análise. Todos esses procedimentos tiveram como objetivo facilitar a transcrição do áudio para a forma escrita (Alberti, 2005).

Contudo, ressaltamos que o conjunto desses procedimentos mais técnicos não precisa estar engessado, em outras palavras, ser seguidos de uma maneira rígida e sem flexibilidade. Ao interagir com pessoas, precisamos considerar suas vontades e interesses, como, por exemplo, a preferência por gravar em pé ou durante o expediente de trabalho. Da mesma forma, lidamos com seus silêncios e esquecimentos, com suas emoções e sentimentos, e por isso, devemos ter sensibilidade e postura diante do entrevistando.

Em nossa experiência com os entrevistados, uma das coisas mais recorrentes foi o esquecimento. Às vezes, eles não conseguiam se lembrar ou não sabiam o que dizer no momento da entrevista. Sendo assim, foi preciso usar outras estratégias com relação às perguntas, além da necessidade em revisitá-los em outros momentos para melhorar a compreensão do que foi dito por eles. No caso de Izabel e Onildo, ocorreram vários encontros entre 2022 e 2024, durante os quais estabelecemos uma relação de amizade e confiança.

No tocante à transcrição dos áudios, segundo Cardoso (2022, p. 51) “o objetivo do material transcrito é auxiliar na sistematização e análise das entrevistas gravadas”. Nesse aspecto, tentamos usar algumas ferramentas tecnológicas de transcrição de áudio, o que não funcionou muito bem, devido a presença de muitos erros no texto. Por isso, escolhemos transcrever de maneira tradicional, ou seja, com fones de ouvidos, pausas e digitação.

Na prática da passagem da fonte oral para a escrita, decidimos fazer algumas correções ortográficas e semânticas com objetivo de gerar um bom entendimento do que foi falado, contudo, mantivemos as formas de construção de frases e palavras do vocabulário dos moradores, respeitando suas especificidades. Assim, nas falas dos depoentes, ocorreram algumas inserções explicativas, como nomes de pessoas, inseridos entre colchetes. Esses detalhes foram acrescentados após a primeira fala, em resposta a questionamentos específicos. Todo esse processo de transcrição, também foi denominado de “transcrição” por José Carlos S. B. Maihy e Fabíola Holanda (2015, p. 135), pois segundo eles, “a transcrição nos aproxima do sentido e intenção original que o colaborador quer comunicar.”

Diante das discussões apresentadas até aqui, compreendemos que a História Oral implica na escuta do outro, o que gera, segundo Cléria Botelho da Costa (2014, p.48) uma “viagem dialógica propiciada pela interpretação” aonde a subjetividade do pesquisador e a do narrador debatem e geram um conflito de interpretações. Pois, de acordo com a autora, o narrador, ao reconstruir um fato, imprime sua marca na interpretação, e o pesquisador, ao ouvi-lo, pode atribuir ao mesmo fato, outro significado. Destarte, Costa expressou sua con-

vicção de que o narrador pode e deve posicionar-se sobre as interpretações feitas pelo pesquisador de sua narrativa.

A partir dessas considerações, realizamos o retorno com os entrevistados e lemos juntos o texto produzido acerca de suas histórias e depoimentos. Esse processo foi muito produtivo, pois ao revisitar o que foi dito, mais memórias foram surgindo, e isso nos ajudou a esclarecer alguns pontos de informação. No caso da dona Izabel, ela se posicionou em relação à fazenda Guará e o começo do povoado Guará quando afirmou “pera aí, não coloca essa história não, pois essa história é cumprida, é muito bagunçada, todo mundo quer negociar, e é chafurdado, e não é bem assim não”. Ela quis dizer que, apesar de a fazenda ter sido vendida várias vezes e ter tido diferentes donos, muitos buscam se apropriar dessa história para afirmar que são “fundadores”. Para Izabel, no entanto, apenas seu pai é considerado o verdadeiro “fundador da cidade”, conforme o relato a seguir:

Mas, ele foi o primeiro, o que construiu e fez a cidade aqui. Todo mundo viveu no seu canto e não doou nada. Meu pai começou, pegou isso aqui, falou: “Vamos fazer isso”, e daí foi doando, foi doando, e a cidade foi surgindo, foi sendo feita (entrevista com Isabel Dias Silva, em 19/12/2023).

Desse modo, Izabel se posicionou claramente diante da narrativa que foi apresentada para ela e ainda revelou os conflitos de interesses em se apropriar da narrativa do fundador. Durante as entrevistas ela demonstrou emoção e saudade ao relembrar algumas memórias de seu pai. Diante disso, foi realmente tocante testemunhar o imenso carinho e admiração que ela nutre por ele, embora a história de Pacífico Silva não seja o foco principal da pesquisa. Portanto, buscamos conhecer e compreender a vida dos moradores da região antes da construção da Belém-Brasília; compreender como a construção da Belém-Brasília impactou a vida dos moradores locais na época; e investigar o contexto social do povoado Guará daquela época.

NARRATIVAS AO LONGO DA BELÉM-BRASÍLIA: REFLEXÕES E DESTAQUES

As narrativas aqui apresentadas trazem consigo as memórias dos moradores de Guaraí: dona Constância, senhor Onildo, dona Izabel e dona Juceleide, com o enfoque de uma História Local com o objetivo de estabelecer conexões com a memória familiar, do trabalho, da migração e do cotidiano, relacionados com a época da construção da Belém-Brasília (1958-1960) e a formação do povoado Guará em seu eixo. Sendo assim, dividimos suas narrativas em quatro partes para melhor compreensão do leitor e organização do texto.

Dona Constância Noronha Aguiar

A dona Constância foi recomendada pelos meus colegas de trabalho por seu vasto conhecimento e histórias. Decidimos procurá-la e, com a ajuda das mulheres da igreja católica, fui apresentado a ela, que morava próximo à Igreja Católica São Pedro e ao Centro de Ensino Médio Oquerlina Torres (CEMOT). Dona Constância foi muito simpática e acolhedora, de-

monstrando grande interesse em participar da pesquisa sobre sua vida antes da construção da “Belém-Brasília” e a formação do povoado Guará entre 1958 e 1960. Ela mencionou que nasceu em São Félix de Balsas, Maranhão, em 1937, mudou-se com a família para Tupirama em 1943 e, posteriormente, para o povoado Guará com seu esposo em 1962. Combinamos um dia para a entrevista, em que ela se dispôs a compartilhar suas memórias.

Eu vim lá do Maranhão, quando saímos de lá, meu pai [Moisés Martins dos Reis] quis vir para cá, porque já tinha família nossa aqui, já tinha o pai dele, e moravam em Tupirama. Ele queria vir, e nós viemos, eu e meus quatro irmãos. Foi em 1943 que viemos para cá. Viemos de burro, de cavalo, e aquela carga de jacá, eu vim no meio de uma carga. A carga de jacá era um pacote feito de taboca, cheio de ‘trem’, mobília, roupa, de tudo... e ‘botava’ no animal com a cangalha, e aí forrava a cangalha, bem “forradinha” para os filhos virem “muntando” (SIC) no meio daquilo ali. A gente dormia na estrada, em fazendas a gente parava e dormia, a mãe fazia comida, a gente comia, dormia e no outro dia tornava a viajar. Eu não sei o tanto de dias, mas foram muitos dias para chegar aqui, em Tupirama. A gente ficou morando em Tupirama, e naquela época eu tinha seis anos, só (entrevista com Constância Noronha Aguiar, em 20/12/2024).

Observa-se que, na primeira metade do século XX, houve um movimento migratório no país, motivado pela busca por melhores condições de trabalho e de vida. Constância relembra a viagem de sua família, mencionando a “carga de jacá”, um cesto grande feito de bambu, usado na zona rural para transportar diversos produtos e que pode ser carregado manualmente ou no lombo de animais. Ela recorda que, aos seis anos, estava animada com a mudança, mas “mamãe que não era muito feliz porque ela estava deixando os pais dela lá”. Ao chegarem em Tupirama, seu pai, Moisés, que era oleiro, fabricava tijolos para construção de casas junto com seus irmãos e ensinou essa arte aos seus filhos e filhas.

Na época da abertura da Rodovia Belém-Brasília (1958-1960), a movimentação política era intensa na região de Tupirama, e houve o surgimento de vários garimpos na região. De acordo com Souza (2004, p. 367), durante o desmatamento da floresta, os trabalhadores constataram a presença de “ouro, níquel, cobalto, chumbo, quartzo, linhita e bauxita, que seriam explorados posteriormente”. Sobre esse período, Constância relembra o que era comentado sobre a construção da Belém-Brasília e como sua mãe foi para o garimpo.

Era muito comentado! Sobre o jornal, a gente não tinha. Eu mesma não tinha interesse em saber de jornal. Mas o povo comentava muito, principalmente os políticos na cidade, pois todo mundo queria que abrisse a rodovia. Foi o tempo que abriram essa rodovia, começaram os garimpos por perto. Aí, minha mãe ficou viúva, e ela foi para o garimpo, nos deixou em casa. Mamãe trabalhava com pensão e fornecia comida para as pessoas. Ficou conosco um moço lá, inclusive ele foi o segundo prefeito aqui em Guará, Osvaldo Dantas. (entrevista com Constância Noronha Aguiar, em 20/12/2024).

Durante a entrevista, percebemos uma diferença sobre quem foi o primeiro prefeito de Guaraí: Pacífico Silva ou Osvaldo Dantas. Para elucidar essa questão, reafirmamos que o povoado Guará fazia parte da cidade Tupirama entre 1959 e 1968, sendo Pacífico Silva o prefeito de Tupirama no período de 1962 a 1965. Entretanto, Osvaldo Dantas de Sá foi o primeiro prefeito de Guaraí em 1970, após a emancipação do município. Portanto, a memória não segue as normas da historiografia. Ela é esse mosaico de lembranças tecidas pelos afetos, que afetam as possibilidades sobre o que lembrar e como lembrar.

Alguns anos depois, Dona Constância se casou em 1956, aos 19 anos, e posteriormente mudou-se para a fazenda chamada Tucum, onde morou durante seis anos. Em seguida, transferiu-se para o povoado Guará em 1962, como menciona no relato seguinte:

Eu saí de Tupirama porque foi o ano em que me casei. Saí de Tupirama para uma fazenda chamada Tucum, e fiquei lá por seis anos. Meu marido [Djalma da Silva Aguiar] era professor na fazenda Chapadinha, e eu lecionava na fazenda Tucum. As duas fazendas eram pertinho uma da outra; ele ficava dando aulas durante a semana na fazenda Chapadinha, e no final de semana vinha ficar comigo. Nesse tempo, tínhamos só uma filha. Assim, ficamos seis anos lá. Com relação ao povoado Guará, aqui já estava bem iniciado. Eu já tinha uma irmã morando aqui, mamãe [Joana Noronha Aguiar] veio morar aqui e colocou um hotel, na época em que o povo trabalhava nas estradas. Depois, tive o segundo e o terceiro filho, e então mudamos para cá. (entrevista com Constância Noronha Aguiar, em 20/12/2024).

Ainda sobre o período da construção da Belém-Brasília, de acordo com Souza (2004, p. 363), no final do ano de 1959, a ligação entre as duas frentes de trabalho da Belém-Brasília se encontrou, mas a estrada “não passava de um caminho” aberto no meio da floresta. Desse modo, com relação ao povoado Guará, Constância relembra da presença de médicos nos acampamentos da Rodobrás, na parte sul da cidade, e da SPVEA na parte norte. Nessa época, ela constata que houve “morte de gente, por meio do inseto, barbeiro”, de malária e pneumonia. Desse modo, ela recorda, até com tristeza, a morte de sua filha

Na época em que morava na fazenda Tucum, tinha um acampamento do Rodobrás, que ficava perto do riacho Guarazinho. Aí tinha os médicos, só nos acampamentos que tinha os médicos. Eu trouxe uma criança de dois anos, chamada Zenilda, doente, e a criança faleceu de pneumonia. Foi a SPVEA que a levou de avião para a cidade de Miracema, junto com meu marido e minha irmã, mas a criança faleceu. Depois da morte da minha filha, nós nos mudamos para cá, pois fiquei com medo de ficar lá. (entrevista com Constância Noronha Aguiar, em 20/12/2024).

Dona Constância explicou o motivo de não ter ido junto com sua filha para a cidade de Miracema: “Eu não fui porque estava grávida e depressiva.” Com medo de permanecer na fazenda Tucum e alguém ficar doente, ela e seu esposo decidiram se mudar para o povoado Guará em 1962. O povoado ainda estava começando, com muitas famílias e casas, porém muito distantes

uma das outras. Ao responder sobre como era o seu cotidiano e os desafios de morar no povoado, Constância menciona:

Meu marido me ensinou a fazer lamparina, naquela época não tinha eletricidade, e aí eu saía na rua. Tinha dias em que eu tinha 10 lamparinas nas mãos para vender e voltava sem nada. Não tínhamos água, então a gente tinha uma cisterna. Para construir minha casa, carregávamos água nas costas, na minha cabeça. Pegávamos água na cisterna do Pacífico, pois não tínhamos, já que chegamos há pouco tempo. Naquela época, havia os rios Guarazinho e o rio Tranqueira, mas ficavam muito longe. (entrevista com Constância Noronha Aguiar, em 20/12/2024).

Portanto, O relato de dona Constância, revela uma narrativa rica e significativa sobre sua vida e experiências. Ela descreve sua migração com a família, a mudança para a fazenda Tucum, e sua participação na comunidade. A entrevista aborda ainda a abertura da Rodovia Belém-Brasília, os garimpos, a diferença afetiva sobre o primeiro prefeito de Guaraí, e os desafios enfrentados, como a falta de eletricidade e água no povoado Guará. A história revela aspectos marcantes da vida na região, antes, durante e depois da construção da Belém-Brasília.

Onildo Pereira de Sousa

O encontro com o Senhor Onildo foi um exemplo de construção de confiança ao longo do processo. No início, ele se mostrou um pouco desconfiado, pois, por sua postura, estava mais reservado e contido durante a primeira entrevista realizada em 27 de junho de 2022. Já no segundo encontro, em 19 de abril de 2023, com a presença dos estudantes do CEMOT, Onildo e sua esposa sentiram-se mais à vontade diante da entrevista. Quando questionado sobre sua vida antes da construção da Belém-Brasília (1958-1960), ele respondeu que nasceu em Tupirama em 1950 no antigo norte goiano, em uma família composta por 21 irmãos, ocupando a nona posição na ordem de nascimento. Cresceu e viveu na fazenda chamada Barreirinho até os 19 anos de idade, em 1969, segundo suas palavras a seguir:

Meus pais se conheceram aqui na região de Pedro Afonso, se casaram e foram morar na fazenda [chamada] Barreirinho para construir a família deles. Naquela época, a terra era de comuta, era tudo do governo. Eles saíram de Tupirama, porque trabalhava de agregado em uma terra, veio para cá [fazenda] e lá se situou e ficou até morrer. A minha infância e adolescência na fazenda, para mim foi muito boa e para os meus irmãos todos, pois naquele tempo a [vida] na cidade era muito difícil. Em nossa região tinha a cidade de Pedro Afonso e Tupirama, uma cidade bem pequeninha. A cidade maior que tinha era Araguacema e Conceição do Araguaia, e o resto, era tudo fazenda. Então, nós fomos criados na fazenda... com cinco anos de idade, cada menino tinha que ir para a roça com os pais, porque era menino demais e ficavam em casa dando trabalho a mãe, mas as meninas ficavam com a mãe, onde elas ajudavam a lavar roupa, fazer a comida, arrumar para quando fosse para meio dia,

levar o alimento para nós que estávamos na roça. Quando ficávamos a um ou dois quilômetros de distância, elas faziam a comida e levava para nós, para não perdemos tempo do serviço para voltar para casa e para tarde voltar para roça, nós seguíamos de manhã e depois voltávamos a noite. Então, nós fomos criados dessa maneira. (entrevista com Onildo Pereira de Sousa, em 19/05/2023).

A família de Onildo era composta por Raimundo, natural do Piauí, e Geralda, do Rio Grande do Norte, que se conheceram em Pedro Afonso. Na década de 1940, a expressão “a terra era de comuna, era tudo do governo” refere-se ao fato de que a maior parte das terras na região norte de Goiás pertencia ao governo devido à política de colonização e ocupação territorial do Estado brasileiro. Antes da construção da Belém Brasília (1958-1960), a vida na fazenda era marcada por trabalho árduo, desafios, união familiar e aprendizados. Onildo contrasta essa vida com a vida na cidade, ressaltando as dificuldades urbanas da época, mas ao tecer as tramas da memória, este narrador traz à tona uma representação de passado positiva da família e de como viviam na fazenda, apesar dos desafios de se trabalhar na roça.

Na época da construção da estrada, Onildo era uma criança de 10 anos de idade. Ao perguntar sobre alguma lembrança de algum acontecimento relacionado à abertura da estrada em 1959, a princípio, Onildo afirmou que não se lembrava, mas à medida que íamos conversando, ele rememorava muitas coisas relacionadas ao ocorrido na época, conforme o seu relato a seguir:

Tenho não, nós morávamos na fazenda, e era muito difícil a gente ter contato. Quando nós morávamos na fazenda, com essa idade, não tinha, Guaraí aqui ainda, [pois] aqui era fazenda, só tinha Tupirama e Pedro Afonso. Eu vim descobrir, aqui Guaraí, já em 1967 e 1968, nessa época eu já estava com 17 anos. E foi o tempo que começou a abrir essa estrada. Eu sei que quando começou a vir a tropa, abrir a Belém-Brasília, o papai fez contrato com o pessoal aqui para trazer alimentos para manter eles. Ele trazia o arroz, a farinha, o porco, a galinha, trazia tudo. Que eu recordo... a estrada já estava aberta, aí veio a tropa abrindo na frente, e depois veio o pessoal da terraplanagem, arrumando tudinho, fazendo bueiro, fazendo tudo. Inclusive, em 1969, eu vim trabalhar na Belém-Brasília, ali na Bacaba, da Bacaba até o Rio dos Bois, eu trabalhei dois anos. (entrevista com Onildo Pereira de Sousa, em 20/12/2023).

Para ampliar a compreensão desse contexto, Onildo nos contou sobre os acontecimentos que o levaram a trabalhar na Belém-Brasília por dois anos, de 1969 a 1971. De acordo com ele, após a morte de sua mãe em 1964, ele ajudava a cuidar de cinco irmãos menores com o seu pai na fazenda. Nesse tempo, como a despesa era grande, Onildo pediu ao seu pai para trabalhar. O seu pai mandou seu filho vir para Guaraí e pedir ajuda para Pacífico Silva, padrinho do seu irmão mais velho. Desse modo, Onildo começou a trabalhar em 1969 para uma das empresas [ele não recordou o nome no momento] responsáveis pela administração de estradas na região da cidade Rio dos Bois até Guaraí. Sobre suas principais atividades realizadas, ele nos contou

Cavando bueiros, naquele tempo os tratores não faziam esse trabalho. Tinha o córrego, e você cavava o bueiro, para você poder colocar as “banilhas”. Assim a gente fazia, o córrego era estreito... aqui eu não cavei, foi outra turma, eu fui para a “Bacaba” onde nós ficamos seis meses trabalhando. E de lá, fomos para Rios dos Bois, quando nós estávamos no Rio dos Bois, precisava de gente para fazer os barracões. Me tiraram de lá, e eu vim para cá [Guaraí], fui tirar palha de coco, na região do canto da vazante, pois lá tinha muito, para trazer para cá, para fazermos os barracões. Bem do lado da casa do Pacífico Silva, tinha um pasto, e nós fizemos os barracões lá para os peões que vinham. (entrevista com Onildo Pereira de Sousa, em 20/12/2023).

Todos os lugares mencionados no depoimento estão localizados ao longo do eixo rodoviário BR-153, conhecido como “Belém-Brasília”. A cidade de Rios dos Bois fica a cerca de 58 km de Guaraí, enquanto “Bacaba” está na região de Fortaleza do Tabocão, aproximadamente 26 km de distância. A comunidade rural “canto da vazante” situa-se na direção oeste de Guaraí. Ao mencionar “o córrego era estreito... aqui eu não cavei, foi outra turma”, ele se refere ao córrego Tranqueira, localizado em Guaraí. Sobre os desafios do trabalho, ele relembra que a iluminação era feita com motores e a água vinha dos córregos para consumo e banho. A alimentação era preparada por cozinheiras e levada aos peões, e os veículos usados incluíam Jipes, Rural e Toyota. Quanto a possíveis acidentes, ele comenta que “se teve, só se foi para fora, pois aqui dentro de nossa região, não”, indicando que tudo ocorreu tranquilamente.

Além disso, questionamos o senhor Onildo sobre os seus colegas de trabalho serem, na grande maioria, nordestinos. Nosso intuito era descobrir se eles foram aceitos na comunidade, como eram seus costumes, e a chegada de suas famílias para a região do povoado Guará.

Eles eram aceitos, mas o nordestino em si, eram problemáticos demais, eles brigavam demais, matavam uns aos outros... só que não eram no serviço, que quando vieram, criou muitos cabarés, e eles trabalhavam de dia e de noite ia para lá, e era aquela confusão. Era difícil passar uma semana para não morrer um. Eu como fui criado na roça, eu era muito medroso, e quando eu via aquela quantidade homens juntos, você não confia, eu saía do serviço e ia para casa. Guaraí foi uma cidade que começou com pouca gente, mas vinha muita gente, principalmente de Miracema, que é do Nordeste que vieram para Miracema, e depois vieram para cá. Quando abriu a BR, o pessoal começou a vir. Eles vinham para trabalhar na estrada, trabalhar nas roças (os fazendeiros queriam abrir a roça e não tinham trator e aquelas coisas). Rapaz, chegava aí, cinco, seis, oitos famílias de uma vez, vinham de caminhão, vinham de pé, de quanto jeito. E eu arrumei demais amigo nordestino, ainda hoje tem muitos que moram aqui, muitos deles voltaram e outros seguiram para São Paulo, mas tem muito deles aqui ainda (entrevista com Onildo Pereira de Sousa, em 20/12/2023).

O depoimento de Onildo revela uma representação negativa dos nordestinos que vinham trabalhar na região, descritos como “problemáticos demais” devido ao envolvimento em festas, brigas e assassinatos, apesar de seus próprios pais serem sertanejos. Ele observou a chegada de

várias famílias nordestinas em Guaraí, muitas das quais já residiam na região, e destaca que, além do trabalho na Belém-Brasília, havia uma necessidade de mão de obra nas fazendas devido à falta de maquinário. A história de Onildo é valiosa por ele ser uma testemunha ocular dos eventos relacionados à construção da Belém-Brasília entre 1958 e 1970, ajudando-nos a entender o contexto social e as condições de trabalho da época. Seu relato também destaca a presença significativa de nordestinos entre seus colegas de trabalho e a migração dessas famílias para a região do povoado Guará, proporcionando uma oportunidade para discutir migração, integração social e diversidade cultural.

Dona Izabel Dias Silva

Os encontros realizados com Izabel foram sempre agradáveis, pois ela demonstrava disposta em querer participar das entrevistas. Com relação a um dos nossos objetivos, em conhecer como era sua vida antes da construção da Belém-Brasília (1958-1960) ela nos contou sobre a migração do seu pai e o seu estabelecimento na região de Tupirama. De acordo com sua narrativa, Pacífico Silva deixou sua família em Jaicós, Piauí, em busca de melhores condições de vida. Ele chegou em Pedro Afonso em 1939, depois ele se mudou para Tupirama, onde foi acolhido pela família de Leôncio de Souza Miranda.

Nessa época, Pacífico começou a trabalhar no garimpo dos “Piaus”, em direção a Cristalândia, e, na mesma época, casou-se com Julieta. Após alguns anos, Pacífico Silva foi ao Piauí em busca de sua família e os trouxe para morar em Tupirama. Depois de trabalhar em outros garimpos da região, como “Ponta da Serra”, “Pequizeiro” e o “Chiqueirão”, Pacífico conseguiu acumular algum dinheiro. Vendeu sua antiga fazenda (que ganhou do seu sogro) e usou parte do valor como entrada para adquirir uma porção de terras de Antônio Mendes Ribeiro, conhecida como fazenda Guará, em 1959.

Nesse contexto, Izabel nasceu em 1947 em Tupirama, e na época da construção da Belém-Brasília (1958-1960), Izabel tinha apenas 12 anos de idade, e recorda que o “desbravamento da Belém-Brasília” foi algo marcante em suas vidas. Como a extensão da rodovia passava pelas terras de seu pai, na fazenda Guará, ela recorda que ficava viajando constantemente para a fazenda, pois ainda morava e estudava em Tupirama, segundo o relato subsequente:

O marcante para nós foi o desbravamento da Belém-Brasília, o movimento de peão, de carro e tudo. Todo mundo ficou animado com a abertura da BR, e teve movimento dos acampamentos do gaúcho, acampamento da SPVEA, da RODOBRÁS, aquele povo fizeram aquele movimento de homens, aquele movimento todo de candango, aquele povo todo trabalhando aqui. O engenheiro Bernardo Sayão, ele passou por aqui uma ou duas vezes, ele não estava constantemente aqui, na frente do serviço não, eram os outros. Tinham os encarregados aqui da SPVEA e tinha do gaúcho (entrevista com Izabel Dias Silva, em 26/07/2022).

Conforme o seu depoimento, observarmos como a presença dos acampamentos mon-

tados pela construtora de Engenharia e Construção do George Yunes que estavam relacionados com a SPVEA e RODOBRÁS. Além disso, o movimento de trabalhadores na região foi marcante nas memórias de Izabel. Segundo o seu relato, eram uma “furupa danada dos peões”, e eles gostavam de participar das festinhas que aconteciam no povoado Guará ou iam dançar em Tupirama e Pedro Afonso nos finais de semana.

Nos anos seguintes, após a abertura da estrada e o crescimento do povoado Guará na década de 1960, muitas famílias decidiram mudar para morar no povoado. Nesse sentido, questionamos Izabel sobre o motivo de deixar Tupirama e mudar para Guará, com o intuito de descobrir como a Belém-Brasília impactou sua vida.

Nós ficamos lá ainda [Tupirama]. Albino era contra sair de lá e ele não queria vir. Mas, com a saída da sede, ficou assim... esmoreceu todo mundo. O comércio lá já era bem fraquinho... nós ficamos lá, e ele não queria vir para cá. Ele ainda ficou na cidade de Paraíso, alugamos uma casa, mas nós não ficamos por lá, assim, nós terminamos mudando para cá [Guará] no outro ano seguinte (entrevista com Izabel Dias Silva, em 07/06/2023).

Desse modo, Izabel respondeu que o principal motivo de sua mudança foi a transferência da sede da prefeitura. Cabe ressaltar que a transferência da sede foi resultado do crescimento e desenvolvimento da cidade de Guará devido à construção da rodovia Belém-Brasília. Ao mesmo tempo, houve um declínio de atividades comerciais na cidade de Tupirama. De acordo com Souza (2004), a Belém-Brasília influenciou no aspecto de urbanização, principalmente na região norte de Goiás, contribuindo para o surgimento de várias cidades e povoados, enquanto as cidades ribeirinhas, que antes detinham poder político-econômico na região, ficaram à margem desse surto de desenvolvimento. Isso ocorreu porque quase ficaram isoladas da região da rodovia Belém-Brasília, tendo como consequência o declínio do comércio fluvial.

A entrevista com Izabel também forneceu um relato pessoal sobre a vinda de pessoas de outras cidades para se estabelecer em Guará e abrir comércios locais. Ela retrata um momento de grande expectativa e movimentação na região, em decorrência da abertura da Belém-Brasília, no qual houve uma mobilização significativa de pessoas, com acampamentos e trabalhadores envolvidos na construção da rodovia. Além disso, houve a chegada de novos moradores na região, como Chico Coelho e Osmar Botelho, e até mesmo os sobrinhos do seu Pacífico Silva, que abriram comércios e botecos na cidade.

Para ampliar a reflexão sobre o contexto, o *Jornal do Brasil* (RJ) publicou em 04 de dezembro de 1969, a manchete “De como nascem e crescem as cidades na Belém-Brasília”, em que afirmou que “as cidades na Belém-Brasília continuam surgindo obedecendo ao mesmo princípio pioneiro de 10 anos atrás”, sendo:

Primeiro, num trecho qualquer da estrada, surge um restaurante, com dormitório que a servir comida e a dar dormida de rede a motoristas de caminhões de carga. Como tem homem e comida, alguma qualquer velha prostituta, aposentada no ofício, faz erguer uma palhoça, nas proximidades, recruta as moças morenas da beira da estrada e um cabaré começa então a funcionar, dia e noi-

te. Em menos de um mês, um borracheiro se estabelece ao lado do restaurante. Finalmente é construído, no local, um posto de gasolina, de linhas modernas e com gerador de luz elétrica. Em pouco tempo, como por milagre, está formada uma comunidade.

Diante dessa manchete, que traz relato atravessado pela leitura preconceituosa e limitada do jornal, é importante ressaltar que não devemos afirmar que a história do povoado Guará ocorreu exatamente da mesma maneira, mas sim que houve um crescimento nas atividades comerciais, conforme destacado. A manchete descreve a recém-criada cidade de Guará (1968-1969) com aproximadamente 3 mil habitantes, onde mais da metade da população é composta por crianças. A cidade conta com hotéis, dormitórios, farmácias, escola primária e posto policial, mas enfrenta desafios de saúde, como a presença de doenças de Chagas, e não possui um posto de saúde. No ano anterior à notícia, Guará foi elevada à categoria de distrito e foi afirmado que tinha uma rivalidade acirrada com Tupirama, que possui apenas 500 habitantes e uma renda mensal inferior à de Guará.

Juceleide Barbosa da Silva

O encontro com Juceleide, mais conhecida como Ju, ocorreu numa tarde de sexta-feira de forma agradável, onde ela compartilhou suas memórias. Apesar de nosso objetivo ser conhecer a vida antes da Belém-Brasília (1958-1960), Ju nasceu em 1974, após a abertura da estrada, o crescimento do povoado Guará, a emancipação política de Guará e o asfaltamento da rodovia em 1974. Sua história foi incluída por representar o “diferente” de muitas famílias que optaram por continuar nas comunidades ribeirinhas, mesmo com o atrativo das cidades e povoados emergentes.

Juceleide retratou sua infância na comunidade Beira Rio, próxima ao Rio Tocantins, enfrentando dificuldades devido à ausência de um pai. Sua rotina era dividida entre trabalho e estudos; ela relembra aprender a ‘socar’ arroz em um pilão para quinze pessoas, provavelmente conhecidos que se ajudavam na limpeza da roça. Além disso, a falta de encanamento de água na comunidade obrigava os moradores a caminhar três ou quatro quilômetros até o rio para buscar água. Desse modo, ao ser questionada como era a comunidade em que ele viveu, Juceleide menciona o seguinte:

A comunidade “Beira Rio” sempre teve esse nome. Era simplesinha, tinha mais roças do que casas e ficava mais perto de Guará do que de Tupirama. Na comunidade, só tinha uma escola, poucas casas e uma escola, era a única coisa que tinha. Para vir da comunidade para Guará, a estrada era de chão batido. No tempo da chuva, tinha bastante buraco, era um sacrifício para a gente vir. São 60 km, mas a gente gastava cerca de 6 a 7 horas desde a beira do rio até aqui em Guará. (entrevista com Juceleide Barbosa da Silva, em 26/05/2023).

A proximidade de sua casa com a escola facilitou para Juceleide administrar o tempo entre aulas e tarefas domésticas. Ela estudava meio período de manhã, mas algumas vezes avisava a

professora que precisava ir em casa para fazer o almoço. Aos treze anos, substituiu a professora Elza Campos, que estava doente, e deu aulas por quase um ano na escola ao lado de sua casa. Juceleide não tem recordações da construção da Belém-Brasília ou do início do povoado Guaraí, pois nasceu após esses eventos. No entanto, perguntamos se ela se lembrava de algo que sua mãe dizia sobre a Belém-Brasília, se a mãe morava na região nessa época, e se já contou alguma vez sobre a construção e os trabalhadores.

Eu nasci depois da construção da Belém-Brasília e depois da criação da cidade de Guaraí. Minha mãe já morava na região quando aconteceu a construção da Belém-Brasília. Ela contava para nós que vinham homens de tudo quanto era lugar. E os serviços, tudo era braçal, não tinha máquina para roçar essas coisas, era tudo na foice. Inclusive, um amigo nosso da fazenda, os tios, aliás, o meu pai também, né? Ele veio junto e passou por Guaraí para fazer a construção e foi embora, nunca mais voltou aqui, só voltou para passeio. Era só o que ela falava para a gente, que eu lembro que ela dizia isso (entrevista com Juceleide Barbosa da Silva, em 12/01/2024).

Desse modo, Juceleide, nascida em 1974, compartilhou suas recordações sobre sua primeira visita a Guaraí. Ela foi questionada sobre a idade em que realizou sua primeira visita, bem como os motivos que a levaram a Guaraí nessa ocasião. Ao discorrer sobre suas lembranças da cidade na época, a discussão abordou a infraestrutura urbana, ponderando se a Belém-Brasília já estava completamente asfaltada. Além disso, foram explorados aspectos relacionados à disposição das casas, à presença de comércios, e à natureza das ruas da cidade naquele período, questionando se estas ainda eram de chão batido.

Eu vim para Guaraí pela primeira vez quando tinha 15 anos por causa de uma doença. Na época, a cidade já tinha a BR, que estava asfaltada. As casas eram poucas, não tinha muitas. Os comércios eram poucos, e a maioria das ruas eram de chão batido. Essas são as lembranças que tenho da cidade (entrevista com Juceleide Barbosa da Silva, em 12/01/2024).

Diante disso, Juceleide explicou que sua doença era dermatite alérgica e que seu corpo estava todo ferido. Por isso, sua mãe resolveu trazê-la ao já falecido Dr. Pedro Zanina, para que ele examinasse e descobrisse qual era a doença. Na época, ele a chamou de “elergia”, pois antigamente não havia um nome específico para a dermatite alérgica.

Nesse sentido, quando Juceleide morava na comunidade Beira Rio com sua família, muitas pessoas deixaram Pedro Afonso, Tupirama e fazendas para se mudar para Guaraí. Diante disso, questionamos se ela saberia nos explicar por que sua família optou por permanecer morando lá, mesmo enfrentando dificuldades, enquanto outros escolheram se mudar para Guaraí naquela época.

É porque a minha mãe, ela lutou tanto para comprar a fazenda [chamada Brejinho] e aí resolveu que não iria vender. Mesmo com a dificuldade, a gente permaneceu na fazenda. Bem, se a gente mudasse para a cidade, minha mãe

não tinha marido, era só com 6 filhos pequenos. E ela não teria condições de criar os filhos na cidade. Então, lá era onde a gente tirava o nosso sustento. A gente plantava, colhia, minha mãe era tecedeira de rede, era onde ela tirava uma boa renda, fazendo rede para vender (entrevista com Juceleide Barbosa da Silva, em 12/01/2024).

De certo modo, o relato de Juceleide é importante no aspecto de retratar a comunidade “Beira-Rio”, onde várias famílias permaneceram morando por muito tempo. Isso ocorreu mesmo durante um período em que ocorriam movimentos de pessoas em direção às cidades que estavam se formando ao longo do eixo da rodovia Belém-Brasília. Nesse contexto, ocorria o crescimento do comércio e o isolamento da comunidade ribeirinha. Portanto, sua história representa o “diferente” ou “contrário”. Em vez de escolherem morar na cidade de Guaraí, decidiram “permanecer” na comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ressaltamos a importância da História Oral como método para preservar e compreender as memórias dos moradores de Guaraí acerca da construção da Rodovia Belém-Brasília e seus impactos. Através das narrativas de Dona Constância, Onildo, Izabel e Juceleide, foi possível identificar aspectos significativos da vida na região antes, durante e após a construção da rodovia, revelando o contexto social e político da época.

Essas histórias pessoais destacam a migração, os desafios enfrentados, a integração social e o crescimento econômico local. A metodologia empregada, baseada na escuta atenta e na construção de confiança, permitiu captar não apenas fatos históricos, mas também emoções e percepções dos entrevistados, enriquecendo a compreensão da história local.

Concluimos que a História Oral não se trata apenas de coletar depoimentos, mas de construir uma relação social significativa com os entrevistados. Este estudo contribui para a valorização da memória coletiva e para a preservação da história e cultura de Guaraí-TO, oferecendo uma visão mais humana e detalhada dos impactos da Rodovia Belém-Brasília na comunidade local.

REFERÊNCIAS

Orais

AGUIAR, Constância Noronha. **Entrevista I**. [20/12/2023]. Entrevistador: Dionathan Soares Fragoso. Guaraí – TO, 2023. Mp3, (30 mim).

SILVA, Izabel Dias. **Entrevista II**. [07/06/2023]. Entrevistador: Dionathan Soares Fragoso. Guaraí – TO, 2023. Mp3, (11 mim).

SILVA, Izabel Dias. **Entrevista III**. [19/12/2023]. Entrevistador: Dionathan Soares Fragoso.

Guaraí – TO, 2023. Mp3, (40 mim).

SILVA, Juceleide Barbosa da. **Entrevista I**. [26/05/2023]. Entrevistador: Dionathan Soares Fragoso. Guaraí – TO, 2023. Mp3, (11 mim).

SILVA, Juceleide Barbosa da. **Entrevista II**. [12/01/2024]. Entrevistador: Dionathan Soares Fragoso. Guaraí – TO, 2024. Mp3.

SOUZA, Onildo Pereira de. **Entrevista I**. [27/07/2022]. Entrevistador: Dionathan Soares Fragoso. Guaraí – TO, 2022. Mp3, (24 mim).

SOUZA, Onildo Pereira de. **Entrevista II**. [19/05/2023]. Entrevistador: Dionathan Soares Fragoso. Guaraí – TO, 2023. Mp3, (15 mim).

SOUZA, Onildo Pereira de. **Entrevista III**. [19/12/2023]. Entrevistador: Dionathan Soares Fragoso. Guaraí – TO, 2023. Mp3, (27 mim).

Fontes Documentais

CPDOC. **Jornal do Brasil (RJ)** – De como nascem e crescem as cidades na Belém-Brasília. Ano 1969/Edição 002206. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_08/145490. Acesso em: 09/07/2022

Bibliografia

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em história oral**. FGV Editora, 2004.

CARDOSO, BRUNA DA SILVA. (Des)encontros no fazer história oral: Experiências de pesquisa em Araguaína-to. In.: HOLANDA, Maicon Douglas et al. (Orgs.). **História Oral na Amazônia: experiências e possibilidades**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

DA COSTA, C. B. A escuta do outro: os dilemas da interpretação. **História Oral**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 31–46, 2014. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/403>. Acesso em: 13 jan. 2024.

CHAUÍ, Marilena. Brasil. **Mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo, Editora Perseu Abramo, 2000.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática do ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados**. Campinas, SP: Papyrus, 2009.

GIRALDIN, Odair. **Povos Indígenas e não-indígenas: uma introdução à história das relações interétnicas no Tocantins**. In: GIRALDIN, Odair. (Org.). A (trans)formação histórica do Tocantins. Goiânia: Ed. UFG; Palmas: Unitins. 2002. p. 315-350.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; BARBOSA, Fabíola Holanda. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2015.

PAIVA, Odair da Cruz. Brasil. Mito fundador e sociedade autoritária. **EccoS – Revista Científica**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 98–100, 2000. DOI: 10.5585/eccos.v2i1.207. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/207>. Acesso em: 13 jan. 2024.

PAULA, Luís Roberto de. Xerente. In.: **Povos indígenas do Brasil**. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xerente>. Acesso em: 13/01/2024.

RAMOS JÚNIOR, D. V. Encontros epistêmicos e a formação do pesquisador em História Oral. **História Oral**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 359–372, 2019. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/871>. Acesso em: 5 jan. 2024.

SOUZA, Sônia Maria de. Belém-Brasília: abrindo fronteiras no Norte Goiano (atual Tocantins) – 1958-1975. In: GIRALDIN, Odair. (Org.). **A (trans)formação histórica do Tocantins**. Goiânia: Ed. UFG; Palmas: Unitins. 2002. p. 351-394.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado – História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.